

# A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS

## *THE IMPORTANCE OF FAMILY PARTICIPATION IN THE CHILDREN'S TEACHING-LEARNING PROCESS*

Matheus Dias Araújo Lemos 1

**Resumo:** O presente artigo, objetiva estudar a importância da família contemporânea nas relações de ensino aprendizagem da criança. Para se produzir este trabalho, foi utilizada a pesquisa bibliográfica; de cunho qualitativo sob a abordagem epistemológica de Ariès (1981). O estudo baseou-se na análise de referenciais teóricos, utilizando como aporte de análise o contexto histórico-social e sua influência para a relação família-educando, as várias formas de organização familiar e a inserção da criança nesse cenário, as contribuições das pedagogias da infância, dentre outros, fundamentadas nos estudos de Ariès (1981), Pires (2009), Osório (1996), Froebel, (1899,1912) dentre outros. Além disso, faz-se ainda uma rápida contextualização da linha cronológica, em que ocorreram as transformações nas estruturas familiares conforme os variados contextos histórico-sociais em que esteve inserida e, como essas mutações influenciaram na óptica que as famílias e a sociedade passaram a fazer dos pequenos. Como foco maior do estudo, comenta-se sobre a relevância da participação familiar não só no ato de educar, mas também na formação do saber de seus filhos, quando esta orienta os infantes nos afazeres escolares e mantém uma relação de reciprocidade com a escola. Analisa-se também, as significativas influências que a mais antiga instituição social exerce na formação e no desenvolvimento da criança e do adolescente. Somado a isso, objetivou-se explicar de forma clara e concisa acerca da importância e necessidade da participação familiar na construção do indivíduo ético e moral.

**Palavras-Chave:** Família. Formação. Participação. Crianças.

**Abstract:** The present article aims to study the importance of the contemporary family in the teaching-learning relationships of the child. To produce this work, a bibliographic research was used; of qualitative nature under the epistemological approach of Ariès (1981). The study was based on the analysis of theoretical references, using as a contribution of analysis the social-historical context and its influence on the family-educated relationship, the various forms of family organization and the insertion of the child in this scenario, the contributions of childhood pedagogies, among others, based on the studies of Ariès (1981), Pires (2009), Osório (1996), Froebel, (1899, 1912) among others. In addition, there is also a quick contextualization of the timeline, in which the transformations occurred in family structures according to the various historical and social contexts in which it was inserted, and how these mutations influenced the view that families and society began to make of the little ones. As a major focus of the study, we comment on the relevance of family participation not only in the act of educating, but also in the formation of their children's knowledge, when the family guides the children in their school tasks and maintains a reciprocal relationship with the school. The significant influences that the oldest social institution exerts on the formation and development of children and adolescents are also analyzed. Added to this, the objective was to explain in a clear and concise way about the importance and need for family participation in the construction of an ethical and moral individual.

**Keywords:** Family. Training. Participation. Children.

1- Acadêmico do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da UFMA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3383197916733632>  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1194-6312>. E-mail: [mda.lemos@discente.ufma.br](mailto:mda.lemos@discente.ufma.br)

## Introdução

Historicamente os séculos XVI e XVII caracterizaram importantes mudanças, no que concerne à família ter assumido um novo lugar em sua postura afetiva para com a criança, o que caracterizou uma mudança profunda em suas estruturas, na medida em que passou por essa modificação na forma de relacionar-se com o infante.

Através da leitura de um texto italiano da idade média, mas precisamente falando, do final do século XV, onde um historiador inglês narra a relação familiar inglesa considerada por ele como insuficiente em afeição, é possível ter-se uma noção de como se configurava a relação da família medieval com suas crianças, nessa região da Europa: as crianças permaneciam na casa de suas famílias até a idade de sete ou nove anos (idade em que geralmente naquela época os(as) meninos(as) entravam na escola ou no mundo adulto) e daí em diante, as crianças filhas e filhos, eram enviadas para as casas de outras famílias onde deveriam executar serviços puxados, sendo então chamadas de aprendizes. Esse período de “aprendizagem” da época, deveria durar entre sete à nove anos, saindo o jovem com cerca de 14 à 18 desse processo “educativo”.

Para as famílias inglesas inseridas nesse contexto histórico, essa era a melhor forma de educar suas filhas e filhos, visto que para essas famílias, era melhor que os filhos de outras famílias às servissem, do que os seus. Diante disso, por mais ricas e afortunadas que fossem, poucas evitavam esse costume, enviando assim também suas crianças para as casas de outros, supondo que dessa maneira elas estariam ensinando além de tudo “as boas maneiras”.

Diante do exposto, convém mencionar ainda sobre a grande quantidade de contratos de aprendizagem estabelecidos no ocidente medieval, que colocam as crianças sobre os cuidados de um mestre, o que só reforça a concepção de que o hábito de entregar crianças a famílias estranhas era comum. Quando confiada a um mestre, a criança deveria ter como obrigação mais geral, “servi-lo de forma adequada, devida”. Ao analisar-se essas informações sob a óptica moderna, é possível que haja variações de pensamento no sentido de indagar-se se essa criança de fato seria nessa casa de outra família, um criado, um morador ou de fato um aprendiz. Todavia, para o cidadão medieval tudo isso representava apenas variações de algo que para ele era essencial e nada degradante, como talvez seja visto hoje: o serviço doméstico.

Inclusive, no séc. XV existiam até mesmo textos destinados a ensinar em francês ou inglês, os mandamentos de um servidor de excelência. Uma das palavras da língua inglesa usada na época, e que continuou a existir no inglês atual era o *wayting servant* que hoje equivale a palavra *waiter*, garçom. Este deveria saber servir à mesa, arrumar o ambiente doméstico, lavar as louças, e ainda dar conta de funções de secretariado, assessorando seu mestre. O que chama a atenção é que todo esse processo não era perene, mas sim passageiro, como se fosse um estágio, onde o aprendiz adquirira modos para vida toda através das aprendizagens adquiridas.

O serviço doméstico confundia-se com a aprendizagem, e era considerada uma forma muito rotineira de educação. Essa “educação” era aprendida na prática e através dela é que o mestre passava a uma criança que não era seu(a) filho(a) os conhecimentos, a experiência adquirida por ele na prática e os valores humanos que pudesse haver adquirido.

## A família como campo de formação humana: uma breve contextualização

Falar sobre família no âmbito da formação humana é falar sobre algo fundamental na constituição do sujeito enquanto pessoa. É através da família, não importando em qual configuração esta se encontre, que a criança adquire seus primeiros contatos com a cultura, valores, crenças e atitudes que irão permear toda a experiência de vida do indivíduo. A família, além disso também é a responsável por proteger, promovendo o bem-estar das crianças, conforme às legislações constitucionais, ECA e também no código civil.

De acordo com a Constituição promulgada em 1988, no seu Artigo 227,

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração e opressão. (BRASIL, 1988, p.148).

A família moderna constituiu-se de uma composição bastante diversificada, podendo ser formada por qualquer grupo de pessoas que se juntam e que possuem afinidades comuns. Em caso de haver uma ou mais crianças nessa união, é necessário que haja respeito por esta, além disso, carinho, cuidado e os direitos considerados. Aliado a isso, acrescenta-se ainda outro aspecto relevante, o das relações de gênero: embora seja cada vez mais crescente o número de famílias comandadas por mulheres, mesmo com os pais presentes, as incumbências na criação dos filhos precisam e devem ser compartilhadas por ambos (os responsáveis), algo que é assegurado por lei. Desta maneira, conforme salienta PIRES (2009, p.14) “Filhos adotivos, gerados por inseminação artificial ou criados por casais homossexuais não modificam o principal objetivo da família: ser um espaço que proporciona a convivência, o amor e a segurança entre seus integrantes.”

Para essa autora, a sociedade se compõe de formas diversificadas de famílias e distanciam-se da concepção tradicional. Embora percorram diferentes rumos da vida matrimonial habitual, procuram atingir ideais em comum, fundamentar a família na consideração, respeito, amor, reciprocidade e companheirismo, de modo que todos possam estar confortados, acolhidos e protegidos. Conforme (PIRES, 2009, p.12), “desde que a criança saiba qual o lugar dela dentro desse novo núcleo familiar e sinta – se segura para solicitar o que precisa e o mais importante tenha a sua individualidade respeitada”.

É válido ressaltar que nos tempos atuais, novas orientações foram tomadas pelas famílias. Nesse sentido, quando ocorrem separações é bastante corriqueiro que os membros de um antigo casal, formem novas famílias, e que os filhos destes pais que se separam passem a se relacionar com pessoas até então, desconhecidas. Isso implica dizer que não há problema na família moderna configurar-se assim, no entanto, a criança estando inserida nessa composição precisa ser amada, e com o seu espaço respeitado nesse novo lar. Na modernidade as famílias configuram-se de formas plurais, não há mais espaço para ditames e padrões tradicionais definidos pela sociedade e seus conservadorismos (quando assim ocorrem).

Nesse sentido, Osório (1996, p.14) afirma que:

[...] a família não é uma expressão passível de conceituação, mas tão somente de descrições; ou seja; é possível descrever as várias estruturas ou modalidades assumidas pela família através dos tempos, mas não defini-la ou encontrar algum elemento comum a todas as formas com que se apresenta este agrupamento humano.

Na concepção do autor, é possível apresentar a família como ela está organizada, todavia, não será admissível explicar as relações acertadas no interior destas de forma palpável. Em síntese, essa discussão é necessária porque a relação de afetividade quando existente na família, em suas múltiplas formações, é de suma importância para o pleno desenvolvimento da aprendizagem humana, especialmente em casos de dificuldades de aprendizagem das crianças.

## **GRANDES AUTORES DA EDUCAÇÃO: importantes contribuições para a relação família-criança**

É muito rica e também extremamente necessária, a contribuição deixada por grandes autores da educação que embora tenham vivido em outros contextos sócio-históricos, fizeram

excelentes reflexões no sentido de auxiliar os educadores do tempo atual, à cerca de inúmeras situações tão presentes no vasto e complexo contexto educacional brasileiro. Aqui irão ser mencionados alguns nomes dentre os quais iniciaremos falando logo abaixo, para então, contextualizar-se como seus pensamentos constituem-se como incrustados de especial importância para a compreensão do quão importante é, o papel da família para o processo de ensino-aprendizagem de seus filhos.

Friedrich Fröebel, filósofo e educador alemão nascido em 1782 na cidade de Oberwiesbach, Alemanha Meridional, ao estreitar o Instituto de jogos e ocupações, no ano de 1839, que destinava-se a jovens e crianças e que posteriormente, no ano de 1840, passou a ser chamado de Jardim Geral da Infância Alemã, ou *Kindergarten*, já evidenciava conveniente inquietação com a formação de quem cuidaria das crianças, o que incluía as mulheres e jovens educadoras.

Além disso, ao dar foco nas relações interativas ocorridas entre a progenitora e sua criança, esse autor também deu ênfase ao papel materno no que concerne em unir à criança a natureza, a sociedade e a Deus. Fröebel também traz um aporte muito significativo ao entender que, a partir da intervenção recíproca no toque entre mãe e filho, ocorre a manifestação das necessidades instintivas e também das potencialidades inatas da criança. (FROEBEL, 1899,1912 apud KISHIMOTO, PINAZZA, 2007, p. 41 ).

É válido ainda, sobressaltar a sua obra chamada *Mutter und Kose-Lieder*, na qual dá destaque a importância das músicas e brincadeiras na educação, situações que atualmente, com a grande contribuição de outros autores como Lev Semenovich Vygotsky, nascido em 1896, em Orsha, cidade provinciana da Bielorrússia (parte ocidental das ex-União Soviética), da área da psicologia da educação, são comprovadamente benéficas e desenvolvidoras das potencialidades infantis, quando praticadas pelos familiares / educadores, com as crianças / educandos.

Nesse sentido, Vygotsky e Luria (1996), afirmam que:

É [...] impossível reduzir o desenvolvimento da criança ao mero crescimento e maturação de qualidades inatas. [...] No processo de desenvolvimento a criança 'se re-equipa', modifica suas formas mais básicas de adaptação ao mundo exterior [...], começa a usar todo tipo de 'instrumentos' e signos como recursos e cumpre as tarefas com as quais se defronta com muito mais êxito do que antes (1996, p. 214).

Portanto para os autores, o ser humano vem ao mundo com as funções psicológicas rudimentares e a partir da aproximação com a cultura é que essas funções tornam-se funções psicológicas superiores. Como o desenvolvimento da psique humana sempre é interposta pelo outro, este, dentre tantas situações, aponta, limita e concede interpretações da realidade. Nesse sentido, mais uma vez evidencia-se o quanto o papel da família é de suma importância para o desenvolvimento da criança, visto que é através desses contatos que se estabelecem entre a família-criança, que esses membros tão pueris da classe humana vão progressivamente tomando posse dos modos de funcionamento psicológicos, cultura, conduta e ciência, ou seja, experimentando as várias maneiras de aprender para que se constituam enquanto seres histórico-culturais.

Somado ao que já foi explanado sobre os autores supracitados, é válido, ainda, mencionar aqui mais um importante nome: Jean Piaget. Nascido em Agosto de 1896, em Neuchâtel, Suíça. Desde sua infância, já se interessava pelo mundo natural, colecionava conchas e fósseis, prestava atenção na vida dos animais e com apenas 10 anos, em um jornal científico da cidade em que nasceu, fez a primeira publicação de sua vida. Deslumbrado pela zoologia e biologia, continuou em sua adolescência a dedicar-se ao estudo de materiais, classificando-os, em uma das seções do museu de história natural de sua cidade natal.

No ano de 1915, quando Piaget estava com 18 anos, recebeu o seu diploma de bacharel em ciências naturais pela Universidade de Neuchâtel. Passando-se três anos, consegue obter o doutoramento em biologia pela Universidade de Lausanne. Tendo apenas 21 anos, o autor já

possuía um amplo trabalho científico sobre moluscos, evidenciado em várias publicações.

Esse trabalho árduo na biologia o leva a consumir que o desenvolvimento biológico é um processo de adaptação do ser ao meio ambiente em que habita, não dependendo tal processo apenas da maturação (e da hereditariedade), mas também de variantes desse meio. Tais impressões primárias a respeito do desenvolvimento biológico repercutirão em sua visão sobre o desenvolvimento humano e, especialmente, sobre o desenvolvimento da cognição, conforme destacam alguns dos seus analistas (Flavell, 1991; Bronckart, 2000; Mogdil e Mogdil e Brown, 1983; Lourenço, 1994, 1997 apud VIEIRA, LINO, 2007, p. 197 ). O término de seu doutorado se firma como um marco de mudança no trabalho de Piaget, que se volta agora para a psicologia, com o foco na origem e desenvolvimento do conhecimento humano, ou seja, pela epistemologia.

A epistemologia genética, o espírito do conhecimento e processo pelo qual se desenvolve constituem-se como centrais no que se refere à objetividade da ampla obra de Piaget (Flavell, 1991 apud VIEIRA, LINO, 2007, p. 213). Trazendo isso para o cenário educacional, essa objetividade central estudada pelo autor traz implicações essenciais no que tange à organização das práticas pedagógicas. Mas e quanto às contribuições do autor para a escola e a família em sua relação com as crianças? Mais especificamente, são bastante relevantes e válidas de serem mencionadas nesta presente leitura.

A conexão entre o estabelecimento de ensino e a instituição familiar deve ter a fundamentação na distribuição da tarefa de educar as crianças, jovens e com correspondência nas esperanças. (JARDIM, 2006). Nesse sentido, a escola ao aproximar-se da família resulta em uma importante conexão, onde em conjunto se apoiam e aperfeiçoam os métodos o que só reforça na qualificação da família, que instruída pela escola, passa a cada vez mais apoiar e contribuir positivamente com o processo de ensino-aprendizagem de seus filhos. Para tanto, é necessária a aproximação da escola com o dia a dia dos pais, despertando assim um interesse pelos assuntos da escola. Dessa forma, se criará uma repartição de incumbências que interagindo, terão como foco a missão de contribuir com a formação da criança, formal e informalmente.

## **Procedimento Metodológicos**

A pesquisa buscou analisar a importância da participação familiar no processo de ensino-aprendizagem de seus filhos e se constitui como investigação de cunho exploratório porque busca uma familiarização com o tema. Segundo Selltiz et al. (1965), enquadram-se na categoria dos estudos exploratórios todos aqueles que buscam descobrir ideias e intuições, na tentativa de adquirir maior familiaridade com o fenômeno pesquisado. Nem todas as vezes existe a necessidade de criarem-se hipóteses nesses estudos. É a partir da importância disso, que optou-se por este tipo de pesquisa, para fins desse estudo.

No que se refere às fontes, efetuou-se uma pesquisa bibliográfica com autores que já lidaram com o assunto aqui abordado.

Para Lakatos e Marconi (2001, p. 183), a pesquisa bibliográfica,

“[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]”.

Sintetizando, todo trabalho científico, toda pesquisa, precisa ter o suporte e a fundamentação na pesquisa bibliográfica, para que não ocorra perda de tempo com uma situação que já foi solucionada e desta forma, possa-se chegar às conclusões inovadoras (LAKATOS & MARCONI 2001).

Fundamenta-se, os estudos em obras de autores que abordaram essas temáticas como:

Ariès (1981), Pires (2009), Osório (1996), Fröebel (2007), Vygotsky, I. S.; Luria (1996) dentre outros. Caracteriza-se como pesquisa com abordagem qualitativa, porque prioriza a análise do problema e não instrumentos estatísticos.

Conforme Gil (1999), o uso da abordagem de cunho qualitativo proporciona a especialização da investigação das interrogações relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, por meio da máxima valorização da aproximação direta com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.

## Resultados e Discussão

Depreende-se através do presente estudo, a grande relevância que a família assume na formação da criança, e isso independentemente do tempo histórico ou contexto social em que esta se encontra. Somado a isso, é muito válido o conhecimento obtido a partir do momento em que se compreendeu que as mudanças nas relações entre família-criança que desembocaram nessa nossa forma atual de se conceber infância, se iniciaram em um tempo relativamente recente na história da humanidade, mais precisamente entre os séculos XVI e XVII.

Mas adiante, percebeu-se que com as mudanças ocorridas na sociedade, chegando por fim à família moderna, se configuraram várias novas formas de união afetiva, e a mulher nesse cenário destacou-se uma vez que assumiu novos papéis, sendo que cada vez mais frequentemente passou a comandar as famílias. Além disso, a modernidade também trouxe todo um aparato legal que visou proteger a criança, além de responsabilizar também a família por sua formação global, o que inclui a obrigatoriedade de zelar por sua inclusão em instituição escolar.

Com base nisso, o Art. 205 da Constituição da República de 1988 define a educação e seus objetivos, e o 206, define os princípios em que o ensino deve ser ministrado.

Art. 205 – A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206- O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II- liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III- pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

IV – gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

V- valorização dos profissionais do ensino, garantido, na forma da lei, plano de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos; assegurado regime jurídico único para todas as instituições mantidas

pela União;

VI- gestão democrática do ensino público, na forma da lei;

VII- garantia de padrão de qualidade.

Ainda conforme o documento, no art. 208 inciso VII, §§ 1º e 2º é um direito público de cada pessoa o acesso ao ensino obrigatório e gratuito e quando o poder público não oferece esse ensino, ou o oferece irregularmente, a responsabilidade recai sobre a autoridade competente. (BRASIL, 1988)

Ao desenvolver-se, a criança necessita de cuidados, atenção, acompanhamento direto e rotineiro e ninguém melhor para fazer isso que a sua própria família, uma vez que esse é a principal classe de pessoas presente em sua realidade e também é o seu principal referencial.

Sociologicamente a família é definida como um sistema social pequeno e interdependente, dentro do qual podem ser encontrados temas ainda menores, dependendo do tamanho da família e da definição de papéis. Em geral o pai e a mãe formam a unidade central e mais significativa, a cabeça da família, mas existem também outros relacionamentos intrafamiliares, tais como pai-filho, pai-filha, mãe-filho, filha, irmão-irmã, que exercerão influência uns sobre os outros. (BUSCAGLIA, 2006, p. 52).

Coadunando com o autor, é indispensável o valor que a família tem a agregar à vida de uma criança, e isso porque ela é o fundamento no qual esse ser em formação se desenvolve. Essa família além disso, pode acrescentar positivamente ou não na vida dessa criança, sendo redentora em sua formação social enquanto ser humano, levando ao infante a apropriar-se da cultura, enriquecendo-se de informações que lhe serão tão úteis para o tempo presente quanto futuro, nesse cenário de aquisição do conhecimento, a escola aparece como espaço de especial sentido e função somando forças com a família para a construção desse novo ser. Só a família não é capaz de sozinha oferecer o desenvolvimento pleno das crianças e adolescentes, portanto necessita assim da junção com a escola (FREIRE, 1996 apud LEITE, MONTALVERNE, 2021, p. 7).

Com base nessas informações obtidas no decorrer do presente estudo, é válido ainda destacar o quão necessário é, que escola e a família estejam unidas e fortaleçam seus laços, afim de que juntas possam oferecer o apoio que as crianças tanto precisam, oferecendo o tempo e recursos para isso, e que cada vez mais lhe sejam proporcionadas as situações de ensino-aprendizagem que garantam o seu desenvolvimento enquanto ser humano crítico e consciente de seu papel na sociedade.

## **Considerações Finais**

Desde os primórdios da existência humana, a família se constitui como núcleo de grande, isso se não, de maior importância na formação do indivíduo, haja vista que possibilita e colabora para a construção de sua subjetividade. É na família, que a criança enraíza suas primeiras concepções de mundo, até que venha a tornar-se um ser com sua própria capacidade de ler o mundo criticamente, tendo suas próprias reflexões. Desse modo, é possível dizer que a família é a primeira instituição social participante da formação da criança, influenciando centralmente no adulto que um dia, tal criança se tornará.

Somada a essa formação familiar da criança, que é tão importante, é válido ainda falar sobre a escola e o educador como grandes ajudantes nesse processo, isso porque é no ambiente escolar que a criança encontrará a formação desenvolvida, nesse caso, o saber

histórico, científico e cultural acumulado como um bem a ser apreendido pela humanidade. Nesse cenário, o educador é uma figura que merece atenção, por ser ele quem irá mediar o processo, devendo atentar-se às singularidades das crianças para assim, estabelecer a melhor forma de educa-las.

No percurso do presente estudo, identificou-se que a participação da família no processo de ensino-aprendizagem das crianças é essencial. Além disso, a aproximação entre a família e a escola é muito válida, por contribuir com o desenvolvimento do aluno e um melhor acompanhamento por parte dos pais, com relação às atividades escolares. Entende-se ainda, que tanto uma instituição, quanto a outra precisam estar cientes de sua missão nesse contexto e colocarem em prática uma relação mais íntima. Salientou-se ainda que a família atual, ainda que se configure em diversificadas modalidades, precisa dividir as responsabilidades para com a criança, que é amparada por todo um aparato legal.

## Referências

ARLÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ltc, 1981. 195 p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BRASIL. **Constituição**: República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BUSCAGLIA, Leo. **OS DEFICIENTES E SEUS PAIS**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 313 p. Tradução de Raquel Mendes. Disponível em: [encurtador.com.br/rDNTU](http://encurtador.com.br/rDNTU). Acesso em: 28 fev. 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JARDIM, Ana Paula. **RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA**: proposta de ação no processo ensino - aprendizagem. 2006. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, UNOESTE, Presidente Prudente, 2006. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-66278/relacao-entre-familia-e-escola--uma-proposta-de-acao-no-processo-ensino---aprendizagem>. Acesso em: 03 fev. 2021.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato. Fröebel: uma pedagogia do brincar para infância. In: FORMOSINHO, Júlia Oliveira; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato. (org.). **Pedagogia(s) da Infância**: dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 37-63.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LEITE, Madson Márcio de Farias; MONT'ALVERNE, Clara Roseane da Silva Azevedo. As relações entre escola e família: contribuindo com a aprendizagem e a formação do sujeito. **Educação em Revista**, Marília, v. 22, p. 137-150, fev. 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/issue/view/636>. Acesso em: 15 fev. 2021.

OSÓRIO, Luiz Carlos. **Família hoje**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

PIRES, Katia Michelle. **Os seus, os meus, os nossos**. IN: A&E Atividades e Experiências – Especial Família, ano 10, p. 12-15, setembro, 2009.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São

Paulo: Herder, 1965.

VIEIRA, Fátima; LINO, Dalila. As contribuições da teoria de Piaget para a pedagogia da infância. In: FORMOSINHO, Júlia Oliveira; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato (org.). **Pedagogia(s) da Infância**: dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 197-218.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento**: Estudos sobre a história do comportamento símios, homem primitivo e criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Recebido em 31 de dezembro de 2020.  
Aceito em 2 de fevereiro de 2021